
COLEÇÃO A LEI 10.639/03 E A FORMAÇÃO DE
EDUCADORES; HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E
AFRO-BRASILEIRA NA ESCOLA – VOLUME 1 E
DIVERSIDADE E SISTEMA DE ENSINO BRASILEIRO
– VOLUME 2. ALVES, ANA PAULA RIBEIRO E
GONÇALVES, MARIA ALICE REZENDE. (ORGS.).
OUTRAS LETRAS EDITORA, 2012

Maria Lúcia Rodrigues Muller^()*

Os volumes 1 e 2 da Coleção A Lei 10.639/03 e a Formação de Educadores (História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Escola – volume 1 e Diversidade e Sistema de Ensino Brasileiro – volume 2), publicação do NEAB da UERJ e organizado por Ana Paula Alves Ribeiro e Maria Alice Rezende Gonçalves tem por objetivo discutir questões relativas aos temas tratados na lei 10.639/03. Como se sabe essa lei determina que todas as escolas brasileiras transmitam conteúdos sobre a história da África e da história dos africanos e seus descendentes no Brasil, assim como as contribuições desses povos para a construção da Sociedade nacional. Antes da promulgação da lei, durante muito tempo discutiu-se que um dos maiores entraves para a diminuição dos expressivos índices de desigualdades raciais na educação brasileira seria o desconhecimento, por parte dos educadores, do registro histórico da contribuição dos povos negros à construção da sociedade brasileira. Promulgada a lei, iniciou-se um movimento, desde os mais diferentes espaços dos movimentos sociais e de setores da intelectualidade ligada à educação que se propunha a descrever os aspectos principais das questões teóricas e práticas, aqui me refiro concretamente às práticas pedagógicas necessárias para dar conta de uma educação minimamente democrática que contemplasse o sucesso de todas as crianças e de todos os jovens, independentemente da cor de sua pele ou dos seus traços fenotípicos. Da mesma maneira, de norte a sul do país cursos de formação continuada para professores têm sido oferecidos, visando prepará-los para implementar os conteúdos estabelecidos pela lei 10639/03.

Inscvem-se dentro da perspectiva acima apresentada os volumes 1 e 2 organizados pelas professoras Ana Paula Alves Ribeiro e Maria Alice Rezende Gonçalves. No volume 1, que dispõe-se a discutir aspectos mais teóricos, logo de início as autoras discutem questões que se colocam cotidianamente nas escolas brasileiras, existem raças? Qual é a origem da espécie humana?

^(*) Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: mlrmuller@gmail.com.

Descrevem com o mesmo rigor de que maneira se articulam a unidade da espécie e a diversidade cultural dos humanos. Outros conceitos importantes como etnia, gênero, etc. são tratados pelas autoras com a mesma profundidade, mas também com leveza. O artigo seguinte de Maria Alice Rezende Gonçalves discute políticas afirmativas, “velha”/nova questão a assombrar os professores, que não sabem o que responder quando instados a comprometer-se com um dos lados do debate. O artigo, também rigoroso ainda que mantenha o estilo leve, na Educação diríamos didático, fácil de ser compreendido pelo neófito, não se furta a apresentar os pontos que a autora considera que tornam vulneráveis as políticas afirmativas para negros. Os demais artigos mantêm o ritmo dos dois primeiros. Selma Maria da Silva trata de literatura negra como ferramenta, aliada a outros instrumentos metodológicos, para a educação das relações étnico-raciais; As possibilidades de múltiplas apropriações da linguagem audiovisual colocando em discussão nossa múltipla e complexa diversidade é a proposta de Rafael dos Santos; Maurício Barros de Castro apresenta a ligação contemporânea entre Brasil e Angola, utilizando como mote o samba e o semba. Continuando com a diapasão histórica, Washington Dener dos Santos Cunha apresenta discussão sobre o comércio de escravos africanos nos séculos XVI e XVII, discussão que não é frequente nos textos de história mais acessíveis aos professores. Finalmente Sonia Beatriz dos Santos discute as desigualdades raciais na educação que encontram crianças e jovens negros.

O belo volume 2 trata de duas marcas (?), questões(?) que dizem respeito, a meu ver, a todos nós brasileiros: da intolerância e mesmo um amordaçamentos das religiões de matriz africana. Assim como trata das marcas/influências culturais de matriz africana em festas populares. Como o leitor pode observar coloquei pontos de interrogação nos termos “marcas” e “questões”. Trata-se realmente de uma dúvida. Faz parte de nossa história o quanto estivemos separados de matrizes religiosas que, de alguma maneira e de diferentes intensidades, dependendo da história individual de cada um, são parte de nós, contribuem a nos constituir como sujeitos da cultura, isto mesmo que sejamos louros, de olhos azuis. Desde essa perspectiva no volume 2 vários artigos fazem eco às marcas da ausência, tanto no que se refere às religiões de matriz africana, quanto às manifestações culturais, também de matriz africana. E aqui me refiro à marca como uma cicatriz que sinaliza a ausência de algo que se perdeu, ou que nos foi impedido de usufruir. Isto no caso de nossa sociedade onde a ideologia do branqueamento nos impediu, muitas vezes, de manter um contato mais próximo com o terreiro ou com as manifestações culturais de matriz africana. O privilegiamento simbólico e, muitas vezes empírico, de tudo o que se refere ao europeu, terminou por impedir que todos nós, que fazemos parte da sociedade brasileira, pudéssemos incorporar plenamente nossa herança africana.

Há em todo esse volume a preocupação de apresentar aos leitores as múltiplas possibilidades de realizar na escola os conteúdos prescritos pela lei 10.639/03. Uma rápida leitura do tópico “sobre os autores” nos permite verificar que todos aqueles que assinam os volumes 1 e 2 são professores e, a maioria, também pesquisadores. Talvez por isto a linguagem acessível e que busca responder a dilemas que são postos aos professores das escolas brasileiras. Estes são livros destinados a professores da Educação Básica, estudantes universitários e demais interessados, conhecedores ou não das questões tratadas, Portanto é compreensível que os autores procurem aliar o rigor teórico com a necessária leveza para atingir um público diversificado e nem sempre conhecedor das questões ali abordadas.

Para finalizar devo dizer que senti não estar disponível na página do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Faculdade de Educação da UERJ a possibilidade de fazer download desses volumes. Pela qualidade das discussões empreendidas esses livros deveriam estar à disposição de um público mais amplo.

Recebido em: 25/11/2013
Aceito em: 25/11/2013